

Norberto J. Ferreyra*

Oscar Masotta: uma repetição original



Oscar Abelardo Masotta é o nome completo de quem tornou possível a passagem da psicanálise, a partir de Jacques Lacan, à língua espanhola. E é claro para todos que ele não foi o único, apesar de que, sim, chegou a sê-lo pela seriedade e singularidade do seu estilo de trabalho, tanto oral como escrito, na leitura do retorno a Freud proposto e indicado por Jacques Lacan. Masotta foi ímpar ao fazer esse caminho, e foi por essa *imparidade* que acabou sendo tão potente e categórica a entrada de Lacan na língua espanhola.

Não entrarei nos detalhes históricos e sociais do momento em que esse ensinamento aconteceu. Há bibliografia suficiente em relação a isso, realizada por pessoas mais habilitadas do que eu para tal fim, seria uma redundância incômoda que faria

* Psicanalista. Co-fundador (1990) e presidente da Fundação do Campo Lacaniano.

com que o leitor perdesse o seu tempo. Sim, direi que, com Masotta, produziu-se um efeito que sacudiu a psicanálise. Apesar de o seu primeiro artigo sobre Lacan datar de 1964, sua transmissão se intensificou a partir de 1969-1970 até sua morte, ocorrida em 1979.

Oscar Masotta fez da leitura de Freud orientada pela obra de Jacques Lacan o seu ensinamento, isso está comprovado; sua leitura de Freud em alemão colaborou de forma decisiva para que isso fosse possível. Um ensinamento que foi predominantemente oral, mais do que escrito, particularidade fundamental que pode ser lida e “escutada” em sua transmissão da psicanálise. E digo *escutar* para indicar que se tratou de um ensino *falado*, indicando com precisão que há diferença entre *dizer* de um modo ou de outro.

Masotta foi um mestre na transmissão de um modo de ler que não era nem erudito (apesar de sua obra escrita mostrar que não lhe faltava nada para sê-lo) nem afetado. Apesar de não “brincar” com as palavras, transmitia em ato como as palavras brincam com você. A fundação da Escola Freudiana da Argentina, em 1974, para a qual fui convidado por Masotta, é um dos marcos mais importantes no tocante à passagem de idioma em relação à psicanálise. Essa foi a primeira escola lacaniana na América e a segunda no mundo (já existia a Escola Freudiana de Paris). Foi uma fundação que consolidou e estendeu a entrada do discurso de Jacques Lacan em espanhol.

O que Masotta oferecia como caminho para entrar no discurso era algo sabido nessa época e era um ideal ou anseio do próprio Lacan: transmitir as coisas de uma maneira simples, o que é o mais difícil em psicanálise. E é necessário fazer uma advertência: simples não quer dizer simplificado, abreviado, resumido; implica, mais precisamente, poder transmitir a lógica que um desenvolvimento possa apresentar em relação a este ou aquele aspecto da teoria ou do discurso na psicanálise, mostrando o que é logicamente necessário e indicando, por sua vez, os *impossíveis* que fazem sua aparição naquele desenvolvimento. Masotta era um mestre em produzir as perguntas adequadas; isso é o que se lê em seus livros e o que se escuta em suas aulas.

Um exemplo: Masotta dirá, em *Lecciones de introducción al psicoanálisis* (1979), o seguinte:

A noção “relação de objeto” é bem pouco freudiana. Dizer de forma tão crua como nós, que a pulsão não tem objeto, significa em primeiro lugar uma posição crítica frente a qualquer psicologização dos conceitos da teoria. Os autores pós-freudianos falaram de desenvolvimento em termos de etapas “anobjetais”, proto-objetais, nós entendemos que tal terminologia é equivocada; já que sempre “há” objeto. O que deve ser estudado no desenvolvimento da criança são as etapas da constituição do Outro. Freud falava de identificações primárias e de escolha de objeto: em ambos casos, o objeto era em primeiro lugar o pai e/ou a mãe. Pela mesma razão, se equivocaria quem visse nesse primeiro volume de *Lecciones de introducción al psicoanálisis* a intenção de nos tornarmos autores pela invenção de conceitos. Repetimos que não se tratará de criar termos, mas sim de não deixar de indicar o limite que o conceito em questão não poderia autorizar sem destruir os fundamentos da própria teoria psicanalítica. Afirmar que em primeiro lugar não se trata senão de “falta de objeto” não é nada mais do que realizar o traçado de tal limite. (pp. 17-18)

Nessa citação encontraremos uma amostra da clareza e da posição de Masotta na transmissão. Aí se refere, em primeiro lugar, ao problema, à questão existente em relação a um conceito –a escolha de um objeto; depois analisa suas consequências e passa a situar o conceito em relação ao próprio Freud, unido ao dizer de Lacan. E depois vem aquela interrogação que considero mais importante na sua transmissão: se é possível inventar, inclusive necessário, porque transmitir com essa aspiração –a de

inventar– poderia prejudicar? E, a partir daí, está apresentado o problema que Masotta indica de forma tão clara, aquele que explicita que não se pode liberar o limite que impede a destruição dos próprios fundamentos da psicanálise. Aconteceu com Freud em relação a muitos discípulos e acontece também com Lacan, com alguns discípulos próximos, familiares e *familionários*¹. O retorno a Freud, impulsionado por Lacan, encontrou ali, nesse “sair de discurso”, a causa da existência necessária de tal operação. Talvez seja necessário um retorno a Lacan, provocado pelas mesmas causas, é algo a decidir fazer, algo a construir. Consideramos, também, o desenvolvimento das bases de um campo lacaniano, já estabelecidas por Lacan como campo do gozo, anseio pontuado por ele em seu seminário.

Repitamos a última frase da citação: “Afirmar que em primeiro lugar não se trata senão de ‘falta de objeto’ não é nada mais do que realizar o traçado de tal limite”. Limite, entende-se, entre o que destrói a base da teoria e o que não a destrói. Não se trata de que não possa haver “outra teoria”, mas *qualquer que seja ela* tem de conservar da anterior aquilo que é parte da pertinência do campo teórico-discursivo inaugurado justamente por esse campo. O desejo enquanto inconsciente, por exemplo, é uma, apenas uma, das invariantes da psicanálise. Essa era a posição de Masotta ao transmitir a leitura de Freud que, em seu retorno, fazia Lacan.

Em sua *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*, de 1970 –o primeiro livro sobre Lacan em idioma espanhol–, Masotta diz de si mesmo: “Não sei se, quando tento ser original, repito, ou se, quando repito, sou original”. Magnífica frase que indica o que tenta fazer com o não-saber, fazendo da repetição um lugar para a invenção.

Por que foi possível esse modo de transmitir em Masotta? Há circunstâncias discursivas do momento que, com certeza, “garantiram” a causa, em certa medida. Quero insistir em *garantir a causa* em outra *dit-menção*², fundamentalmente, na intensidade.

Um esclarecimento. Em toda atividade do *ser falante*³ –é necessário dizer um *ser falante*, é mais ajustado ao discurso–, sempre existe o anseio de encontrar, de saber a causa do que faz. E isso sempre falha, é parte da estrutura.

O real é que essa causa é construída, é assim em uma análise. Isso é assim, de acordo com a transmissão de Jacques Lacan nessa orientação.

Diremos também que na análise há duas posições: a de quem é adotado, por aquele que chega, como o analista, e a daquele que nesse lugar e em suas vicissitudes posteriores será, ou não, o analisante nesse dispositivo. Lacan faz referência, em diversas oportunidades, à mudança de posição diante do que se diz que se escuta em uma análise, seja que se trate de alguém que se situa como paciente ou como analisante. É clara a diferença a favor do falar que se encontra no participio presente. Mas, atenção, isso não acontece por um passe de mágica, acontece –porque quem escuta determina quem fala– que quem está no lugar do analista e é o maior responsável de que aconteça, de que esse advento tenha lugar.

Tentar situar o lugar de Oscar Masotta na transmissão da psicanálise e sua atualidade exige recordar as duas posições que Lacan propõe em relação à posição do analista. No entanto, nem sempre isso é possível, já que há situações ou pessoas

1. N. do E.: Neologismo em forma de adjetivo pela condensação do adjetivo *familiar* e do substantivo *milionário*. Freud menciona essa condensação em *El chiste y su relación con el inconsciente*; Freud, S. (1984). *El chiste y su relación con el inconsciente*. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 8, pp. 7-72). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905). Todas as notas foram elaboradas a partir da consulta de Pasternac, M. e Pasternac, N. (2004). *Comentarios a neologismos de Jacques Lacan*. Córdoba: Ediciones Literales.

2. N. do E.: Neologismo em forma de substantivo pela união, através de um hífen, das palavras *dit* (“dito”, em francês) e *menção*. Apresenta homofonia com a palavra *dimensão*.

3. N. do E.: Neologismo em forma de substantivo pela condensação de termos do francês *parler* (“falar”), *etre* (“ser”) e *parlote* (“conversa”). Lacan lhe dá múltiplas conotações, especialmente “uma maneira de expressar o inconsciente”, uma expressão que “substituirá o Ics. de Freud”. Circulou na literatura lacaniana de diversas formas: *pelo ser*, *falasseres*, *ser falante*, *falante ser*, *falantesseres*, *ser fala* etc.

que impedem o dizer analisante. Sim, há, a meu critério, algo claro que proponho como uma orientação em relação a essas questões, e é o seguinte: *analista pode ser qualquer um, mas não é qualquer um que pode ser analista*.

Situar a atualidade de Masotta na transmissão da psicanálise implica propor que o analista existe, pelo menos, em duas dimensões: aquela –a primeira– que opera em transferência em uma análise, e aquela outra –a segunda– que elabora, pensa e tenta transmitir o que acontece em uma análise. Pois bem, é como analista que aquele que transmite as consequências de sua prática realiza a transmissão? Sim, é assim, em uma resposta apressada. Mas acaso não se trata de que alguém esteja situado como analista quando aceita ser adotado por outro em transferência? Há uma resposta clara para esse atoleiro aparente. Há uma posição analisante que não só existe na análise, mas sim também na sua transmissão, e é aquela que tem a ver com ensinar a transmitir a psicanálise.

Partamos de um ponto necessário e inevitável: para poder aceitar uma demanda de análise, alguém tem de haver passado pela posição analisante; isso não se discute, é parte das invariantes da psicanálise. Isso se diz: ter-se analisado. Analisado? Pois bem, o que significa ter-se analisado? Alguém se analisou na medida em que construiu um *dizer analisante*. Em alguns casos, esse analisante realiza essa passagem de analisante a analista em uma análise, o que o levará a retomar –a partir do lugar de resto em que seu analista ficou– o mesmo lugar em relação a outros que lhe peçam que o ocupe. Lacan diz: alguém é, enquanto analista, o analisante que foi. Para quem realizou a passagem de analisante a analista na análise, a transferência já será ao discurso da psicanálise, e então fará a transmissão da sua experiência como analisante em transferência, em relação a esse discurso.

Mas, uma vez feita uma análise, como faz alguém que deseja ser incorporado no e pelo discurso da psicanálise? Na minha opinião, há um modo, que pode não ser o único, mas sim o mais coerente com a teoria e com o discurso da psicanálise. Para quem decidiu em sua análise essa possibilidade –o anseio desse saber-fazer, de praticá-lo–, abre-se a oportunidade de uma transferência que, sendo a mesma, já é outra: a transferência ao discurso da psicanálise.

A passagem como procedimento, enquanto trata da transmissão dessa experiência para a comunidade, é feita através de diferentes dispositivos possíveis em que a palavra falada ocupa o seu lugar, e isso se realiza em uma escola –enquanto dispositivo de transmissão oferecido por J. Lacan. Tenta-se com essa experiência, e, muitas vezes, se consegue, oferecer luzes em relação a essa passagem sobre o desejo do analista. No seminário 23, Lacan (1975/2006) dirá que há uma só transferência, e é ao discurso.

Masotta fez o que fez na psicanálise porque fez a partir dessa posição analisante. A transmissão que um analista faz por fora da análise sempre é feita como analisante em relação a essa transferência ao discurso.

O trabalho de transmissão realizado por Masotta foi feito não sem uma posição analisante em sua análise. Ele me comentava: “Às vezes, meu analista não me entende em nada”. E talvez tenha sido assim, com essa resistência, que pôde construir seu desejo de analista. Praticou isso a partir dessa posição, mas não de modo exaustivo. Realizou tarefas de análise de controle. O “formal” estava cumprido.

Foi por ter colocado seu desejo de analista em relação à única transferência que há para um analista –que é o discurso–, que Masotta fez com que a psicanálise entrasse no idioma espanhol de modo indiscutível e contundente. Nessa transferência, foi o analisante desse discurso, tal como Lacan dizia de si mesmo. Masotta não foi um professor, tampouco um teórico com sede de invenção. Foi, para alguns, um mestre; para outros, alguém inevitável para estar na psicanálise em espanhol; e,

para outros, reconhecer o trabalho de Masotta como analista e analisante em relação ao discurso da psicanálise ameaça arruinar as certezas dos títulos acadêmicos, universitários ou não, mas –sobretudo– hierárquicos. O trabalho de Masotta interroga a herança discursiva de uma maneira importante, situando a causa em um lugar diferente do reconhecimento social ou econômico; esses podem ser necessários, mas não é aí que existe o que compõe uma análise, não é nessa *dit-menção* que está a causa. Isso só pode ser situado no laço social que é uma análise.

A atualidade de Oscar Masotta –além de estar presente na simplicidade e na seriedade dos seus textos, do seu estilo especial, claro e belo– consiste em demonstrar que não há título acadêmico que faça um analista, mas sim uma *dit-mansão*⁴, um dizer analisante que insiste e que se encontra tanto na transmissão como na construção da função do desejo do analista.

Alberto Cardín, um homem das letras espanholas, disse, no amanhecer de 13 de setembro de 1979, um dia depois da morte de Masotta, no jornal *El país*: “Morreu o psicanalista Oscar Masotta”.

Referências

Lacan, J. (2006). *El seminario de Jaques Lacan, libro 23: El sinthome* (pp. 11-26). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1975).

Masotta, O. (1970). *Introducción a la lectura de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Proteo.

Masotta, O. (1979). *Lecciones de introducción al psicoanálisis*. Barcelona: Gedisa.

4. N. do E.: Neologismo, em forma de substantivo, pela condensação de *dit* (“dito”, em francês) e *mansão*. Apresenta homofonia, também, com *dimensão*.